

**Língua e Gramática, “certo” e “errado”: Concepções de graduandos em Letras**  
**Language and Grammar, “right” and “wrong”: Conceptions of graduates of Language and Literature**

(1)Dryeli Daniel dos Reis, dry\_ddr@yahoo.com.br

(2)Valter Pereira Romano, valter.romano@hotmail.com

<sup>1</sup>Graduado em Letras, Rua Doutor Antônio Braga Filho, 687 – Varginha – Itajubá - Minas Gerais.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Lavras – UFLA, Avenida Doutor Sylvio Menicucci, 1001 – Kennedy - Lavras – Minas Gerais.

Recebido: 22 de Outubro de 2017; Revisado: 24 de abril de 2018.

**Resumo**

Na atualidade, devido à percepção de que o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula é puramente gramatical e pautado na oposição “certo” e “errado”, nasce à necessidade de discutir acerca das concepções dos graduandos em Letras em relação à linguagem, língua e gramática, uma vez que, como futuros professores, deverão formar alunos críticos e não preconceituosos em relação ao uso das variantes linguísticas. Este trabalho teve por objetivo discutir as concepções de língua e gramática dos ingressantes e dos formandos do curso de Letras do Centro Universitário de Itajubá - FEPI no ano de 2015. O estudo abordou uma análise qualitativa e quantitativa acerca da noção de erro frente à formação dos futuros professores, que se deu por meio de análise das respostas dos informantes a um questionário anteriormente aplicado. Para isso, foram considerados os seguintes pressupostos teóricos: Sociolinguística Variacionista, Pedagogia da Variação Linguística, Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros. Concluiu-se, portanto, que os ingressantes, mesmo reconhecendo a heterogeneidade do português, apresentaram uma visão negativa a respeito de algumas variantes linguísticas, enquanto que, os formandos demonstraram uma visão natural a elas.

**Palavras-chave:** Graduandos em Letras, Língua e gramática, Ensino de Língua materna.

**Abstract**

Nowadays, due to the perception that Portuguese language teaching in the classroom is purely grammatical and based on the "right" and "wrong" opposition, the need arises to discuss the conceptions of undergraduates in Letters in relation to language, language and grammar, since as future teachers they should train students who are critical and unprejudiced about the use of language variants. The aim of this study was to discuss the concepts of language and grammar of the students and trainees of the course of Letters of the University Center of Itajubá - FEPI in the year 2015. The study approached a qualitative and quantitative analysis about the notion of error in the formation of future teachers, which took the form of an analysis of respondents' responses to a previously applied questionnaire. For this, the following theoretical assumptions were addressed: Variationist Sociolinguistics, Pedagogy of Linguistic Variation, National Curricular Parameters, among others. It was concluded, therefore, that the participants, even recognizing the heterogeneity of the Portuguese, presented a negative view regarding some linguistic variants, whereas, the trainees demonstrated a natural vision to them.

**Keywords:** Graduates in Language and Literature, Language and grammar, Mother tongue education.

## Introdução

A variação linguística não é aleatória, pois possui suas próprias regras, sejam elas regidas por fatores externos ou internos ao sistema linguístico, uma vez que a variação é inerente à língua, e é no contexto escolar que essa variação fica mais visível, visto a heterogeneidade das salas de aula, daí a necessidade de o professor repensar seu papel frente ao ensino de língua a fim de expandir a visão linguística do aluno.

O presente trabalho insere-se na área da Sociolinguística e apresenta uma perspectiva qualitativa e quantitativa acerca do corpus estudado, uma vez que foi aplicado um questionário aos ingressantes e outro aos formandos a fim de detectar a visão dos alunos do curso de Letras quanto ao uso da variação linguística. Teve como embasamento teórico a Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008), Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a Pedagogia da Variação Linguística (BORTONI-RICARDO, 2014), entre outros.

Nesta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que os ingressantes do curso de Letras possuíam uma visão mais restrita em relação aos “erros” na Língua do que os formandos, o que era natural, uma vez que não haviam tido contato com certas

disciplinas curriculares como Morfossintaxe, Linguística Histórica, Linguística Geral, Estudos Sociolinguísticos e Conversacionais, Fonética e Fonologia, Análise do Discurso e Estudos Pragmáticos, bem como os Estágios Supervisionados em Língua Portuguesa, que permitiam um grau de amadurecimento quanto ao posicionamento crítico em relação à heterogeneidade da Língua Portuguesa.

Considerando a necessidade de refletir acerca das concepções dos futuros professores em relação à noção de erro, esta pesquisa se desenvolveu em torno das seguintes questões:

a) Os ingressantes do curso de Letras possuem uma visão mais restrita quanto ao que se considera “certo” e “errado” na língua?

b) A inserção das disciplinas supramencionadas contribui para uma melhor formação linguística dos graduandos e, conseqüentemente, para uma reflexão crítica quanto ao uso das variedades linguísticas?

Esperava-se comprovar, portanto, que a noção de “erro” em relação às variedades da Língua Portuguesa era diferente entre os ingressantes e formandos do curso. Isto posto, pôde-se inferir que os formandos possivelmente possuíam uma visão mais

ampla acerca do uso da Língua, uma vez que eram capazes de reconhecer a existência da heterogeneidade do português brasileiro (PB) e de desconstruir a ideia de que há um falar correto e outro errado, pois compreendiam que a língua estava inserida em determinado contexto de uso.

Este trabalho justificou-se pela necessidade de abordar tal assunto no âmbito da formação inicial do graduando em Letras, uma vez que o futuro professor deverá ter uma formação mais abrangente para encaminhar o aluno a uma reflexão linguística crítica dele mesmo e para sua futura atuação profissional e em relação à sociedade que o cerca. O futuro professor, sabendo da existência do Português brasileiro (falado) e do Português culto e escrito, poderá explorar a capacidade linguística de seus alunos e propor a eles a construção de gramáticas dessas variedades, ensinando-os assim, a olhar a língua sob o prisma da ciência e a desconstruir preconceitos decorrentes do valor social atribuído aos diferentes modos de falar. É necessário também e de extrema importância que se aprenda a diferenciar a noção de erro do conceito de gramaticalidade e agramaticalidade.

De acordo com Antunes (2012), os estudos linguísticos no Ocidente tiveram início com um conjunto de noções acerca

da língua e da linguagem, a chamada gramática tradicional, preocupada exclusivamente com a língua escrita. Logo, entende-se por gramática o conjunto de regras que definem os padrões (fonológicos, morfossintáticos e semânticos) pelos quais determinada língua funciona.

A língua escrita, foco do ensino de Língua Portuguesa em sala de aula, é mais conservadora do que a língua oral, uma vez que a elite letrada se empenhou em fixar como padrão no Brasil um modelo lusitano de escrita. Nota-se então que a cultura escrita, juntamente com o poder social, vem ao longo da história impondo uma estabilização linguística a fim de neutralizar a variação e controlar a mudança, sendo, portanto, fortemente unificadora.

Em se tratando de língua, uma das principais dicotomias abordadas nos estudos estruturalistas de Ferdinand de Saussure (1916) é a *langue/parole*, ou seja, língua/fala. Entende-se por *langue* a entidade mental e social exterior ao indivíduo, não sendo, portanto, passível de modificação (homogênea). Enquanto que a *parole* é psico-física, circunstancial e variável (heterogênea).

Os pressupostos da Sociolinguística Variacionista insistem na correlação existente entre língua e sociedade, uma vez

que os estudos empíricos das comunidades de fala possibilitam propostas de ensino que visam ampliar a competência linguística do aluno (LABOV, [1972] 2008).

Esta pesquisa teve, portanto, como objetivo discutir as concepções de linguagem, língua e gramática dos ingressantes e dos formandos do curso de Letras do Centro Universitário de Itajubá referente às turmas do ano de 2015. O estudo teve como objetivos específicos (i) verificar as opiniões dos ingressantes e formandos do curso sobre as noções de “certo” e “errado” na língua portuguesa; (ii) discutir as diferentes visões que circundavam as variações linguísticas; (iii) refletir em que medida as disciplinas cursadas durante o curso contribuíram para sua visão crítica acerca da língua e da gramática; (iv) refletir sobre as expectativas dos ingressantes e formandos do curso em relação ao ensino de língua materna; (v) diagnosticar o perfil dos graduandos em Letras do Centro Universitário de Itajubá em relação às suas concepções e atitudes diante da língua.

### **Material e métodos**

O trabalho envolveu pesquisa qualitativa e quantitativa, uma vez que buscou investigar as crenças e concepções

dos alunos do Curso de Letras da FEPI (ingressantes e formandos), no ano de 2015, sobre o tratamento da variação linguística, bem como a noção de erro linguístico. Dessa forma, o corpus foi, por natureza, interpretativo, visto que a parte analítica da pesquisa se constituiu a partir das respostas pessoais obtidas por meio dos questionários aplicados.

Esta pesquisa teve como processo a coleta de dados em campo, com a aplicação de dois questionários escritos contendo ambos 31 questões. O primeiro questionário, bem como o segundo, englobaram questões abertas e fechadas, abordando, em um primeiro momento, a identificação do informante; sua formação básica e superior; suas crenças em relação à Língua Portuguesa, em específico, ao uso da variação linguística e, em seguida, a expectativa quanto a sua atuação profissional. Ao final teve-se uma diferenciação, na questão 31, entre o primeiro questionário e o segundo, uma vez que este abordava a contribuição do currículo do curso para a formação de uma visão crítica da língua e da gramática, enquanto aquele abordava a expectativa quanto ao desenvolvimento dessa visão.

A coleta de dados para a constituição do corpus realizou-se no Centro Universitário de Itajubá – FEPI em abril de

2015. Responderam ao primeiro questionário os alunos do primeiro período do curso de Letras, sendo eles um total de 22 alunos, e ao segundo, os alunos do sétimo período do referido curso, num total de 18 participantes, com a finalidade de comparar as crenças e concepções dos ingressantes e formandos do curso acerca da língua, da gramática e da variação linguística.

Os questionários foram respondidos individualmente, ou seja, sem haver interferência de um aluno na resposta do outro e entregues de forma anônima. A fase analítica levou em conta o perfil desses estudantes de Letras, suas crenças e concepções acerca da língua portuguesa e da variação linguística, bem como suas expectativas e visões sobre as disciplinas de língua e linguagem abordadas no currículo do curso.

As tabelas 1 e 2 permitem visualizar o perfil dos informantes selecionados para esta pesquisa, sendo que a Tabela 1 refere-se aos ingressantes e a Tabela 2 aos formandos:

Tabela 1. Perfil dos ingressantes

| <b>Informante</b> | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> |
|-------------------|--------------|-------------|
| <b>01</b>         | 17           | Feminino    |
| <b>02</b>         | 17           | Masculino   |
| <b>03</b>         | 17           | Feminino    |
| <b>04</b>         | 18           | Feminino    |

|           |    |           |
|-----------|----|-----------|
| <b>05</b> | 18 | Feminino  |
| <b>06</b> | 18 | Masculino |
| <b>07</b> | 18 | Feminino  |
| <b>08</b> | 19 | Feminino  |
| <b>09</b> | 19 | Feminino  |
| <b>10</b> | 19 | Masculino |
| <b>11</b> | 19 | Feminino  |
| <b>12</b> | 19 | Feminino  |
| <b>13</b> | 20 | Feminino  |
| <b>14</b> | 20 | Feminino  |
| <b>15</b> | 20 | Feminino  |
| <b>16</b> | 21 | Feminino  |
| <b>17</b> | 22 | Feminino  |
| <b>18</b> | 23 | Feminino  |
| <b>19</b> | 23 | Feminino  |
| <b>20</b> | 24 | Masculino |
| <b>21</b> | 26 | Masculino |
| <b>22</b> | 28 | Masculino |

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 2. Perfil dos formandos

| <b>Informante</b> | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> |
|-------------------|--------------|-------------|
| <b>01</b>         | 20           | Feminino    |
| <b>02</b>         | 21           | Feminino    |
| <b>03</b>         | 21           | Feminino    |
| <b>04</b>         | 21           | Feminino    |
| <b>05</b>         | 22           | Masculino   |
| <b>06</b>         | 22           | Feminino    |
| <b>07</b>         | 22           | Feminino    |
| <b>08</b>         | 22           | Feminino    |
| <b>09</b>         | 22           | Feminino    |
| <b>10</b>         | 22           | Feminino    |
| <b>11</b>         | 23           | Feminino    |
| <b>12</b>         | 23           | Masculino   |
| <b>13</b>         | 23           | Feminino    |
| <b>14</b>         | 24           | Feminino    |
| <b>15</b>         | 24           | Masculino   |
| <b>16</b>         | 28           | Feminino    |
| <b>17</b>         | 29           | Feminino    |
| <b>18</b>         | 60           | Feminino    |

Fonte: dados da pesquisa

Após a aplicação dos questionários, realizou-se o levantamento e a tabulação dos dados, seguindo os preceitos da Sociolinguística; posteriormente, foi feita a análise e a comparação dos dados, a fim de compreender as crenças e concepções dos estudantes de Letras quanto à variação linguística.

Ressalta-se ainda que, na análise dos dados, são utilizadas as abreviaturas: Inf. para informante; I., para ingressante (01-22); e F. para formando (01-18). Apresentando-se, assim, os dados coletados por meio de gráficos e tabelas seguidos pela interpretação dos resultados observados.

## **Resultados e discussão**

Os questionários aplicados permitiram conhecer as crenças e concepções de linguagem, língua e gramática dos ingressantes e formandos do curso de Letras no ano de 2015, bem como seu perfil e expectativas quanto à futura atuação profissional. Ressalta-se que nesta pesquisa é necessário considerar as abordagens de Bortoni-Ricardo (2004) em relação à Pedagogia da Variação Linguística, pois se almeja formar professores conscientes e não idealizados quanto ao uso da língua em sala de aula, uma vez que a realidade

sociolinguística das escolas brasileiras é heterogênea.

Isto posto, tomam-se as crenças e as concepções dos informantes não como correspondente à realidade dos cursos de licenciatura em Letras no país, mas como uma discussão da atual situação sociolinguística do curso na referida Instituição, a qual constitui o tema de estudo desta análise.

Conhecer e discutir, portanto, as crenças quanto à multiplicidade dos falares brasileiros facilitará aos graduandos o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem que aborde a variação linguística juntamente à norma culta da Língua Portuguesa, isto é, um ensino direcionado em favor da formação crítica do aluno baseado no saber científico, bem como o senso comum, apresentando-os os vários vieses de sua língua.

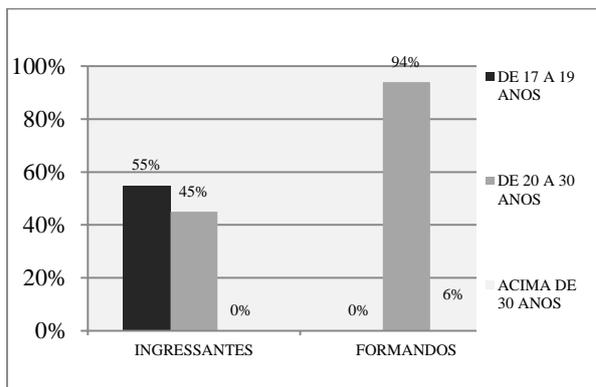
Devido à extensão dos questionários aplicados necessário se fez um recorte quanto às questões que mais chamaram a atenção quanto aos objetivos propostos, prezando pela comparação entre as respostas dos ingressantes e dos formandos quanto ao uso da variação linguística e a noção de “erro”. As 31 questões dos questionários foram divididas da seguinte maneira: 1 e 2 (perfil dos estudantes de Letras); 3 a 8 (formação básica); 9 e 10

(formação superior); 11 a 28 (crenças e concepções em relação à Língua Portuguesa); 29 e 30 (expectativa quanto à futura atuação profissional); 31 (expectativa dos ingressantes quanto à contribuição do currículo do curso para a construção de uma visão crítica da língua e da gramática/opinião dos formandos sobre a contribuição do currículo para essa visão crítica).

#### *Perfil dos estudantes de Letras*

As questões 1 e 2 dos questionários permitiram delinear o perfil dos estudantes de Letras quanto à faixa etária e ao sexo.

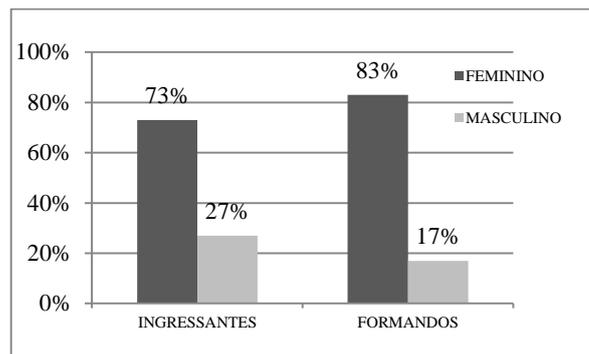
Entre os ingressantes 55% têm de 17 a 19 anos, 45% têm de 20 a 30 anos e não há nenhum aluno (0%) com idade superior a 30 anos. Já entre os formandos não há aluno (0%) com menos de 20 anos, 94% têm de 20 a 30 anos e 6% têm mais de 30 anos, o que pode ser observado na Figura 1.



Fonte: dados da pesquisa

Figura 1. Distribuição percentual dos graduandos quanto à idade

A maioria dos graduandos do curso de Letras da FEPI é do sexo feminino, sendo o primeiro ano formado por 73% de mulheres e 27% de homens, o que não muda muito no último ano, uma vez que 83% são mulheres e 17% são homens:

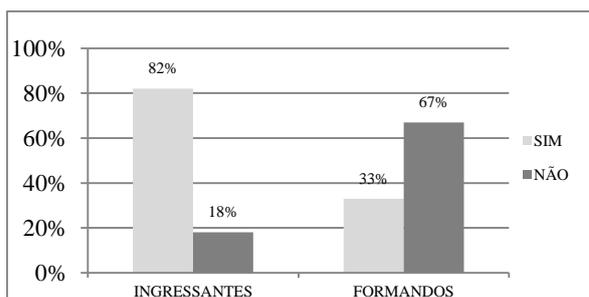


Fonte: dados da pesquisa

Figura 2. Distribuição percentual dos graduandos quanto ao sexo

#### *Crenças e concepções em relação à Língua Portuguesa*

Objetivou-se com a questão 11 (“Você concorda com essa frase: “Português é uma língua difícil”? Por quê?”) conhecer a visão dos estudantes sobre a própria língua, a fim de levantar opiniões acerca da regência, das conjugações, das exceções, das flexões e da variação linguística. Com a questão foi possível perceber a divergência de opiniões entre os graduandos, já que 82% dos ingressantes afirmaram ser uma língua difícil, enquanto que 67% dos formandos afirmaram o contrário (Figura 2).



Fonte: dados da pesquisa

Figura 3. Distribuição percentual dos graduandos quanto à opinião em relação à Língua Portuguesa

Ainda sobre a décima primeira questão, pôde-se averiguar que nem todos os informantes ingressantes pensam na língua da mesma maneira, pois, ao justificarem-na, a grande maioria considerou a língua que fala e escreve como sendo difícil, complexa e cheia de regras:

Inf.I.13: “Porque tem muita gramática, é preciso aprender classes de palavras, morfologia e muitas outras coisas”;

Inf.I.17: “Porque ela é muito ampla, com variações linguísticas e gramaticais”;

Inf.I.18: “Porque é uma língua muito rica e complexa, cheia de regras e exceções”;

Inf.I.19: “Porque não é mesmo uma língua fácil de ser aprendida, pois a gramática é bem complexa e necessita mesmo ser estudada”.

Enquanto que a maior parte dos formandos alegou ser uma língua fácil, rica e diversificada:

Inf.F.04: “Pois é o nosso idioma, onde ele é variado, rico e diversificado. Então

considerar a língua portuguesa difícil é um equívoco”;

Inf.F.06: “Pois não existe dificuldade em nenhuma língua, apenas falta de conhecimento sobre determinado assunto linguístico”;

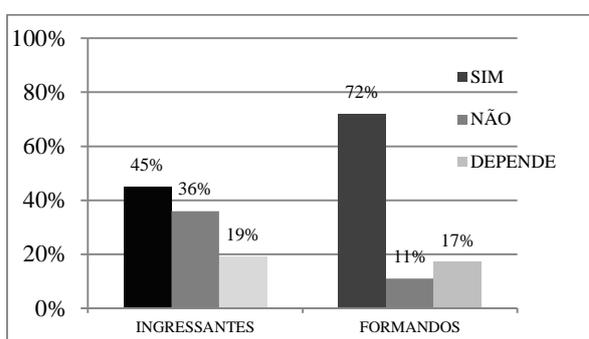
Inf.F.14: “Porque essa é a nossa língua materna e devido a isso todos nós (brasileiros) sabemos falar bem o português. No entanto a variação da norma padrão exigida pelas escolas é um pouco contraditória e, por isso, muitos brasileiros acreditam que o português é difícil”;

Inf.F.16: “Porque quando se estuda a própria língua, não se torna difícil, mas sim dá prazer em conhecer as variedades linguísticas que ela possui e que nem todos conhecem e/ou se interessam”.

Ao afirmarem que o português é difícil devido às regras, os graduandos estavam se referindo à norma prescritiva da língua que é imposta pelas escolas ao ditar a gramática normativa como a única prática de sala de aula, tornando a aprendizagem da língua pouco estimulante para os alunos e, conseqüentemente, difícil de ser aprendida.

Os dados apresentados na Figura 3 mais uma vez vêm comprovar a mudança de mentalidade que ocorre com os graduandos ao longo do curso, uma vez que eles aprendem a recriar novos conceitos e a quebrar preconceitos.

Já com a questão número 12 (“Você considera que sabe utilizar a Língua Portuguesa corretamente? Justifique.”) pretendeu-se averiguar quais são as associações que os alunos fazem para considerar o que é saber utilizar ou não a língua. 45% dos ingressantes e 72% dos formandos responderam positivamente à questão (Figura 4).



Fonte: dados da pesquisa

Figura 4. Distribuição percentual dos graduandos quanto ao uso da Língua Portuguesa

Houve também aqueles que responderam que fazem um uso correto da língua dependendo da modalidade, uma vez que fazem uso de uma língua diferenciada para a escrita e para a oralidade, como se pode confirmar com as respostas abaixo:

Inf.I.04: “Dentro dos padrões da Língua Portuguesa consigo utilizar de maneira adequada nas situações em que se pede”;

Inf.I.15: “Depende, para a escrita tenho mais confiança e certeza sobre as normas da Língua Portuguesa. Porém ao falar não utilizo corretamente as normas”;

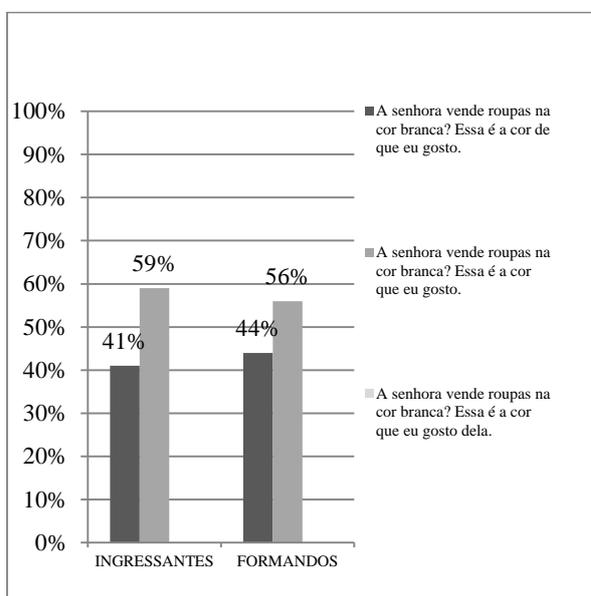
Inf.F.02: “Como estudo a estrutura da língua, sei usar a linguagem formal sim. Mas também uso a informal, pois procuro variar conforme o grupo social que estou. Não há “correto” na língua falada, mas dialetos maravilhosos”;

Inf.F.17: “Na modalidade escrita procuro sempre seguir a norma culta, já na oralidade o uso da língua é bastante informal”.

Por meio das respostas obtidas foi possível perceber que os graduandos consideram a linguagem escrita como sendo mais formal do que a linguagem oral, mas vale ressaltar que em ambas as linguagens pode-se encontrar um maior e menor grau de formalidade e informalidade, uma vez que se considerou nesta pesquisa a existência de um continuum, conforme proposto por Bortoni-Ricardo (2004), no qual a autora relata em seus estudos que um bilhete (linguagem escrita) é bem informal, ao contrário de uma palestra (linguagem oral) já que esta exige certo grau de formalidade.

A questão 15 (“Qual das alternativas a seguir você considera mais correta?”) abordou o emprego dos pronomes relativos e está interligada com a questão 12 que foi anteriormente analisada, já que a maioria dos informantes alegou fazer um uso correto do português, principalmente quando se trata da língua eleita por eles

como a mais formal (escrita), no entanto, pode-se perceber que 59% dos ingressantes e 56% dos formandos afirmaram ser a opção mais correta aquela que apresentava a relativa cortadora (que) e não a relativa padrão (de que), como prega a gramática normativa. Quanto à opção que apresentava a relativa copiadora (que/ dela), a mais improvável, não houve informante que se manifestou como sendo a correta:



Fonte: dados da pesquisa

Figura 5. Distribuição percentual dos graduandos quanto ao uso dos pronomes relativos

Ainda no que diz respeito ao uso dos pronomes relativos, as gramáticas normativas brasileiras ditam como oração relativa correta aquela em que a preposição aparece no contexto do sintagma, principalmente nas orações em que há um verbo que rege preposição.

Vale ressaltar que, em hipótese alguma, pretende-se defender a exclusão do ensino da norma-padrão nas escolas, pois o objetivo da escola é criar condições para que o português padrão seja aprendido pelos alunos (POSSENTI, 2012). O que é defendido nesta pesquisa é que a norma-padrão não deve ser o único modelo, possibilitando assim a aprendizagem de todas as variedades da língua.

Em relação à questão 18 (“Em se tratando de língua, o que você entende por errado e certo?”), foi possível perceber claramente a divergência de opiniões entre os graduandos quanto ao que consideram certo e errado na língua. Com as afirmações dos ingressantes, pôde-se perceber quatro crenças diferentes: a de que certo e errado estão ligados à obediência ou não da norma-padrão (Inf.I.13 e Inf.I.21); o juízo de que na língua falada não há erro, ao contrário da língua escrita (Inf.I.14 e Inf.I.20); a ideia de que o erro está presente nas gírias (Inf.I.09 e Inf.I.18); e por fim, a associação de certo e errado com a transmissão e o entendimento da mensagem (Inf.I.10 e Inf.I.22):

Inf.I.13: “Errado é aquilo que não está nas normas da Língua e certo aquilo que se encaixa corretamente nas normas”;

Inf.I.21: “Quando certo quer dizer que está conforme os padrões da língua, o errado é

quando se inventa ou mistura as linguagens”;

Inf.I.14: “Depende. Se for língua falada é até "aceitável" falar, pronunciar de uma maneira mais informal. Se for escrita, errado é escrever fora da norma gramatical”;

Inf.I.20: “Acredito que não existe certo ou errado para o falar da língua, depende de diversos fatores. Já na escrita deve-se escrever corretamente apesar da fala influenciar diretamente a escrita”;

Inf.I.09: “Entendo por errado o uso de gírias, pois enfeia a Língua Portuguesa, é um vocabulário pobre e sem cultura”;

Inf.I.18: “Depende se é falada ou escrita, a língua falada possui várias gírias e falares que podem ser considerados como errado quando escritos, mas não quando falados”;

Inf.I.10: “A transmissão de ideias é bem sucedida? se sim, a função da língua foi exercida corretamente”;

Inf.I.22: “Não há certo ou errado, mas a adequação desde que haja a comunicação e esta seja entendida”.

Já as opiniões dos formandos se dividiram entre duas crenças apenas: a de que certo e errado relacionam-se com a adequação ou não do contexto comunicativo (Inf.F.07, Inf.F.10, Inf.F.02 e Inf.F.16); e a de que não existe certo e

errado em se tratando de língua (Inf.F.08, Inf.F.17, Inf.F.06 e Inf.F.12):

Inf.F.07: “Existe erro quando não se adapta o discurso para o ambiente (contexto em que se está) seja ele formal ou informal”;

Inf.F.10: “Saber utilizar além da norma padrão, outras variáveis no contexto em que esteja”;

Inf.F.02: “Entendo como errado usar a informalidade em uma situação formal. E o certo se adequar ao ambiente”;

Inf.F.16: “Eu entendo que existe uma flexibilidade de acordo com os contextos de fala”;

Inf.F.08: “Não existe essa nomenclatura para a língua”;

Inf.F.17: “Não acredito/concordo em rotular certo e errado na língua”;

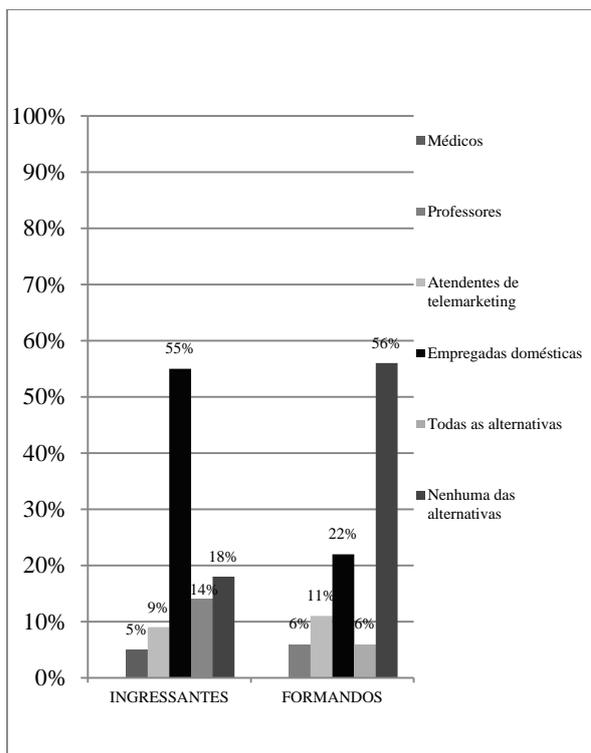
Inf.F.06: “A língua não pode ser tratada como algo que deve ser seguido a risca, se uma pessoa é acostumada com uma fala mais simples esse é o certo para ela e isso não deve ser visto como um erro”;

Inf.F.12: “Não há errado e nem certo em se tratando da língua falada, pois há variações na língua”.

Concluiu-se, então, com a décima oitava questão, que os formandos demonstram maior aceitação com a variação linguística, uma vez que eles não consideram a existência do erro linguístico e/ou dizem tratar apenas de adequação ao

ambiente sócio comunicativo. Já alguns dos ingressantes entendem muito bem a distinção existente entre fala e escrita.

A questão 19 (“Quais dos grupos abaixo costumam falar errado?”) foi elaborada pensando na valoração do julgamento dos estudantes no que diz respeito ao uso da variação linguística por alguns grupos sociais. Percebe-se, portanto, que os ingressantes (55%) acreditam que as empregadas domésticas costumam falar mais errado do que os demais grupos citados na questão, enquanto que os formandos (56%) alegam que nenhum dos grupos fala errado:



Fonte: dados da pesquisa

Figura 6. Distribuição percentual dos graduandos quanto ao grupo de pessoas que costumam falar errado

Dessa forma, pontua-se novamente o fato de que os formandos possuem maior aceitação em relação à variação linguística do que os ingressantes, pois ao tacharem as domésticas como falantes de um português errado, estes acabam estigmatizando as classes mais baixas da sociedade como falantes de uma variante descuidada.

Segundo Faraco (2008), o português brasileiro é composto de várias normas, sendo importante aos usuários dessa língua conhecer suas variantes e empregá-las quando for necessário, portanto, as instituições escolares devem possibilitar aos alunos o contato com elas e ensiná-los a não atribuir juízo de valor negativo às variantes estigmatizadas pela sociedade.

#### *Expectativa e opinião dos estudantes quanto à grade curricular*

A questão 31 dos questionários, como foi dito anteriormente, é diferenciada. Aos ingressantes foi perguntado quais são suas expectativas em relação ao desenvolvimento da criticidade sobre a língua e a gramática considerando a grade curricular do curso, enquanto que aos formandos pediu-se a atribuição de uma nota justificada para as disciplinas cursadas visto o desenvolvimento desse raciocínio crítico possibilitado pelas disciplinas cursadas.

A maioria dos ingressantes disse ter ótimas e excelentes expectativas em relação à contribuição das disciplinas que cursarão para o desenvolvimento crítico da língua e da gramática.

Os formandos afirmaram que a grade curricular do curso contribuiu e muito para o desenvolvimento de uma visão menos preconceituosa em relação à língua, mudando totalmente suas concepções iniciais, como se pode perceber com as justificativas abaixo:

Inf.F.02: “Porque ao longo do curso o pensamento muda e acaba ampliando mais a forma de raciocínio, quanto a utilização da gramática e as diversas formas da língua” (nota 8);

Inf.F.05: “O curso como um todo permitiu o desenvolvimento de uma visão mais crítica e menos preconceituosa da língua e da gramática (nota 10)”;

Inf.F.09: “Ao entrar na faculdade possuía uma visão de certo e errado, porém aprendi que não podemos vê-la desta maneira (nota 8)”;

Inf.F.10: “Consegui absorver vários conceitos sobre a língua e me deparei com um leque de possibilidades que, antes pensava ser bem estreito, confinado-se entre o que é certo ou errado. A aquisição de conhecimento foi muito válida e me ajudou a compreender melhor o mundo ao

meu redor, além de me tornar mais tolerante” (nota 9);

Inf.F.11: “Sim, o curso de Letras me apresentou um suporte teórico e gramatical para conhecer e compreender melhor a língua portuguesa (nota 8)”;

Inf.F.12: “A grade é muito ampla e expandiu muito minha forma de pensar sobre o ensino e uso da língua e gramática (nota 7)”;

Inf.F.17: “As disciplinas conseguiram cumprir o dever de despertar o raciocínio crítico em mim. A maneira como pensamos quando entramos é bem diferente de agora. Estamos mais maduros "linguisticamente" (nota 10)”.

Ao analisar os dados obtidos por meio dos questionários, observou-se que o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, com base nas teorias da Sociolinguística Variacionista, Pedagogia da Variação Linguística e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, faz-se cada vez mais necessário, uma vez que o ensino da variação ainda é muito pouco compreendido pelos professores e futuros professores de língua. Pôde-se perceber com o corpus analisado que os formandos veem as variedades linguísticas como algo natural, o que não acontece na visão da maioria dos ingressantes, que vê as

variantes estigmatizadas pela sociedade de forma preconceituosa.

Isto posto, concluiu-se que a visão inicial dos graduandos em Letras da FEPI acerca da língua, da linguagem e da gramática foi mudando ao decorrer do curso, já que os futuros professores passaram a ter contato com as disciplinas linguísticas e as diversas pesquisas desenvolvidas na área, formando assim, professores capacitados para o ensino da língua materna.

## **Conclusões**

Nesta pesquisa, investigou-se a atitude dos graduandos de Letras frente à abordagem da variação linguística em sala de aula, considerando suas crenças e concepções ao analisar o corpus. Os caminhos desta pesquisa demonstraram, sobretudo, o fato de que a língua está em constante transformação e que não existe uma unidade linguística no Brasil, como também o reconhecimento da heterogeneidade pelos informantes, por mais que alguns deles possuam uma visão mais restrita à variação.

As respostas obtidas pelos questionários previamente aplicados forneceram uma ideia das crenças dos graduandos a respeito da Língua

Portuguesa, suas variações e normas linguísticas. Revelou-se, portanto, a existência de atitudes positivas e negativas sobre a heterogeneidade da língua.

Constatou-se que os ingressantes, mesmo reconhecendo a heterogeneidade do português, possuem uma visão negativa a respeito da variação linguística, enquanto que, os formandos apresentam uma visão positiva.

Diante disso, comprovou-se a hipótese de que a noção de “erro” em relação às variedades da Língua Portuguesa é diferente entre os ingressantes e os formandos do curso, pois os ingressantes possuíam uma visão mais restrita em relação às variações, uma vez que ainda não haviam tido contato com as disciplinas da Linguística.

Concluiu-se, portanto, que as teorias que embasam as disciplinas linguísticas, como a Sociolinguística Variacionista, a Pedagogia da Variação Linguística e até mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais, devem ser mais discutidos entre os estudantes e profissionais da área de Letras, pois assim eles ficarão mais atentos às variações linguísticas e compreenderão os problemas que o ensino da língua enfrenta atualmente, criando meios para que o ensino-aprendizado seja efetivo e ocorra sem preconceitos e discriminações.

Considerando o banco de dados constituído para elaboração desta pesquisa e sua extensão, não foi possível abordar todas as questões do questionário. Desse modo, em trabalhos futuros, poderão se somar às análises aqui apresentadas outras que podem ratificar os resultados apresentados que diagnostiquem de forma mais contundente o perfil dos estudantes do curso de Letras e a importância de estudos desta natureza, bem como a necessidade de um currículo consistente em relação às disciplinas que abordem o tema da variação linguística na formação inicial dos professores.

## Referências

- ANTUNES, Irandé Costa. No meio do caminho tinha um equívoco: Gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p.115-121.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; ROCHA, Maria do Rosário. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In.: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.). *Ensino de português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014, p.37-55.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- POSSENTI, Sírio. Um programa mínimo. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p.285-299.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot. Trad. (parcial) port. De José Victor Adragão. *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.